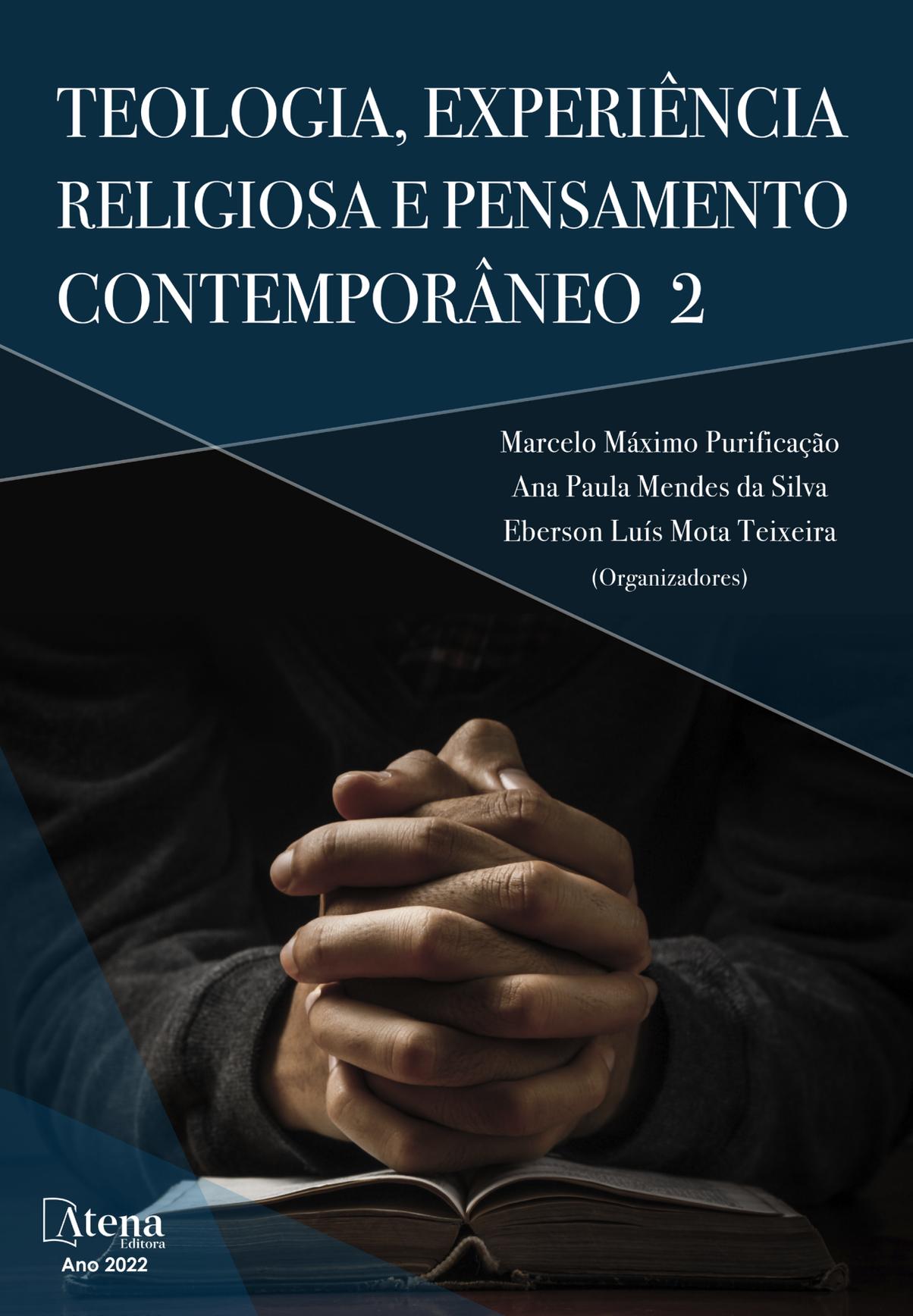


TEOLOGIA, EXPERIÊNCIA RELIGIOSA E PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO 2

Marcelo Máximo Purificação
Ana Paula Mendes da Silva
Eberson Luís Mota Teixeira
(Organizadores)



TEOLOGIA, EXPERIÊNCIA RELIGIOSA E PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO 2

Marcelo Máximo Purificação
Ana Paula Mendes da Silva
Eberson Luís Mota Teixeira
(Organizadores)

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
 Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
 Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
 Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
 Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
 Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
 Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
 Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
 Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
 Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
 Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
 Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice
 Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
 Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
 Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
 Prof. Dr. Kápio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
 Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
 Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
 Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
 Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
 Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
 Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
 Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
 Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
 Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
 Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
 Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
 Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
 Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
 Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
 Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Teologia, experiência religiosa e pensamento contemporâneo 2

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaiddy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadores: Marcelo Máximo Purificação
 Ana Paula Mendes da Silva
 Eberson Luís Mota Teixeira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	
T314	<p>Teologia, experiência religiosa e pensamento contemporâneo 2 / Organizadores Marcelo Máximo Purificação, Ana Paula Mendes da Silva, Eberson Luís Mota Teixeira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-0857-4 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.574220612</p> <p>1. Teologia. 2. Religião. I. Purificação, Marcelo Máximo (Organizador). II. Silva, Ana Paula Mendes da (Organizadora). III. Teixeira, Eberson Luís Mota (Organizador). IV. Título. CDD 215</p>
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná – Brasil
 Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

Caros leitores, saudação.

Apresentamos a obra “Teologia, experiência religiosa e pensamento contemporâneo 2”, estruturada em 7 capítulos teóricos, que aproximam teologia e experiência religiosa do engajamento com o sagrado, chamando a atenção para questões que aproximam o campo essencial do sentido. No primeiro capítulo, Ronaldo Emiliano de Miranda, a partir da pesquisa documental propõe, investigar e analisar a religião do Santo Daime, Religião da Floresta, fundada em 1930, pelo maranhense Raimundo Irineu Serra até o seu desenvolvimento atual. O segundo capítulo, os autores Rodrigo Freire dos Santos Alencar e João Luiz Marcon, buscam analisar o conceito ético de Apocalipse 14:12, procurando compreender seu fundamento com estudo do contexto histórico e literário, alisa-se exegeticamente e estabelece-se a teologia do conceito ético. O terceiro capítulo, José Frederico Sardinha Franco, traz a análise da inserção da morte $\eta\eta\eta$ mot como punição aos adeptos da homossexualidade em meio ao discurso de Levítico 20,13, que contraria substancialmente o mandamento da lei mosaica que proíbe a morte no enunciado de Êxodo 20,13 “não matarás”. No quarto capítulo, Danielle Aparecida Arruda, procura analisar as relações entre a religião prescrita e a religião praticada no interior do movimento de Reforma Católica Ultramontana entre os anos de 1890 e 1958 na cidade de Juiz de Fora, estado de Minas Gerais. Dilce Maria Stochero Buriol, no quinto capítulo, faz um breve histórico sobre a vinda dos imigrantes italianos para o Rio Grande do Sul, mais precisamente para a região central do Estado, que hoje corresponde a região da Quarta Colônia. Na sequência, no sexto capítulo, Elenice Fatima de Oliveira Folha, traz o texto - o evangelho de Mateus, a nova vida e a ruptura com as tradições do judaísmo – apresentando esse evangelho como um importante documento da fé cristã refletindo um período histórico decisivo para esses dois seguimentos. No sétimo capítulo, Maurício Ferreira Santana é o entrevistador tanto de uma entidade quanto do médium que a recebe e busca, problematizar se esta imbricação pode ser considerada como uma dupla camada de representação do real. Portanto, um livro com muitas frentes de diálogos que permeiam a teologia e a experiência religiosa, numa perspectiva plural, podendo assim, contribuir para um alargamento de reflexões acerca da temática. Desejamos a todos boa leitura e boas reflexões.

Marcelo Máximo Purificação
Ana Paula Mendes da Silva
Eberson Luís Mota Teixeira

CAPÍTULO 1	1
INTOLERÂNCIA RELIGIOSA: UM ESTUDO SOBRE A UTILIZAÇÃO POLÊMICA DA AYAHUASCA, CHÁ XAMÂNICO MILENAR, NOS RITUAIS DAIMISTAS	
Ronaldo Emiliano de Miranda	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5742206121	
CAPÍTULO 2	11
ESTUDO DO CONCEITO ÉTICO NO LIVRO DE APOCALIPSE CAPÍTULO 14:12	
Rodrigo Freire dos Santos Alencar	
João Luiz Marcon	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5742206122	
CAPÍTULO 3	25
A APLICAÇÃO DA MORTE מִן מוֹת NO DISCURSO DA HOMOSSEXUALIDADE EM LEVÍTICO 20,13	
José Frederico Sardinha Franco	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5742206123	
CAPÍTULO 4	31
A EDUCAÇÃO CATÓLICA NO PERÍODO DE REFORMA ULTRAMONTANA EM JUIZ DE FORA/MINAS GERAIS	
Danielle Aparecida Arruda	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5742206124	
CAPÍTULO 5	38
A RELIGIOSIDADE E AS FONTES HISTÓRICAS NO CONTEXTO DA IMIGRAÇÃO ITALIANA EM SÃO JOÃO DO POLÉSINE, RS	
Dilce Maria Stochero Buriol	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5742206125	
CAPÍTULO 6	51
O EVANGELHO DE MATEUS, A NOVA VIDA E A RUPTURA COM AS TRADIÇÕES DO JUDAÍSMO	
Elenice Fatima de Oliveira Folha	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5742206126	
CAPÍTULO 7	61
UMA DUPLA REPRESENTAÇÃO DO REAL EM “DIÁLOGO COM OS ESPÍRITOS”	
Maurício Ferreira Santana	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5742206127	
SOBRE OS ORGANIZADORES	74
ÍNDICE REMISSIVO	76

UMA DUPLA REPRESENTAÇÃO DO REAL EM “DIÁLOGO COM OS ESPÍRITOS”

Data de aceite: 29/11/2022

Maurício Ferreira Santana

Doutorando em Comunicação
e Linguagens - PPGCOM/UTP
(Universidade Tuiuti do Paraná)
Professor visitante no Centro Universitário
Internacional UNINTER
<http://lattes.cnpq.br/3328632632461900>

Florence Dravet (alteridade, incorporação),
Fernando Andacht (representações do real
no gênero documentário) e Norval Baitello
Júnior (corpo-mídia).

PALAVRAS-CHAVE: Representações do
real, umbanda, comunicação, entrevista,
audiovisual.

RESUMO: A representação do real na tela pressupõe uma série de indícios que levam o espectador a associar o que vê a elementos da realidade (gestos, emoções). Tal representação é tratada neste artigo no contexto da incorporação de uma entidade (ou espírito) sob os aspectos de comunicação, alteridade e crença. Quando um médium incorpora um espírito ocorre uma relação com um outro invisível sob a chancela da crença no ato mediúnico; é também processo comunicacional, pois trata-se de um fluxo que inicia pelo outro, passa pelo corpo (do médium) e chega a um interlocutor. Este, no objeto aqui investigado, é o entrevistador tanto da entidade quanto do médium. Buscamos, portanto, problematizar se esta imbricação pode ser considerada como uma dupla camada de representação do real. Para trazer luz aos nossos questionamentos, lançamos mão de

ABSTRACT: The representation of reality on the screen presupposes a series of signs that lead the spectator to associate what he sees with elements of reality (gestures, emotions). Such representation is treated in this article in the context of the incorporation of an entity (or spirit) under the aspects of communication, alterity and belief. When a medium incorporates a spirit, there is a relationship with an invisible other under the seal of belief in the mediumistic act; it is also a communicational process, as it is a flow that begins with the other, passes through the body (of the medium) and reaches an interlocutor. This, in the object investigated here, is the interviewer of both the entity and the medium. We seek, therefore, to question whether this imbrication can be considered as a double layer of representation of the real. To shed light on our questions, we used Florence Dravet (alterity, incorporation), Fernando Andacht (representations of the

real in the documentary genre) and Norval Baitello Júnior (body-media).

KEYWORDS: Representations of the real, umbanda, communication, interview, audiovisual.

RESUMEN: La representación de lo “real” en la pantalla presupone una serie de signos que llevan al espectador a asociar lo que ve con elementos de la realidad (gestos, emociones). Tal representación es tratada en este artículo en el contexto de la incorporación de una entidad (o espíritu) bajo los aspectos de comunicación, alteridad y creencia. Cuando un médium incorpora un espíritu, hay una relación con un otro invisible bajo el sello de la creencia en el acto mediúmnico; es también un proceso comunicacional, ya que es un flujo que parte del otro, pasa por el cuerpo (del médium) y llega a un interlocutor. Este, en el objeto aquí investigado, es el entrevistador tanto de la entidad como del médium. Buscamos, por tanto, cuestionar si esta imbricación puede ser considerada como una doble capa de representación de lo real. Para arrojar luz sobre nuestras preguntas, utilizamos a Florence Dravet (alteridad, incorporación), Fernando Andacht (representaciones de lo real en el género documental) y Norval Baitello Júnior (cuerpo-media).

PALABRAS CLAVE: Representaciones de lo real, Umbanda, comunicación, entrevista, audiovisual.

INTRODUÇÃO

Ao imaginarmos as formas de representação do real através do gênero documentário, visualizamos claramente os aspectos indiciais contextualizados por dois elementos principais: o documentarista e aqueles aos quais ele volta suas câmeras, pessoas reais em situações reais que dissociamos do caráter ficcional. Essa dissociação é resultado de um contexto que agrega diversos marcadores que aproximam o processo de uma “verdade”, de algo com o qual nos identificamos, como por exemplo índices fisiológicos¹ sob a forma de testemunho, possibilitando a chancela de real. Esse é um pressuposto que tomamos como ponto de partida para o desenvolvimento deste artigo – à guisa de um viés teórico –, conscientes de que não é uma regra e muito menos um consenso entre pesquisadores (e por isso mesmo trazemos o contraditório neste artigo, em seção posterior).

O gênero documentário traz, entre outros recursos, a singularidade do formato “entrevista”, onde há essencialmente os papéis do(s) entrevistador(es) e do(s) entrevistado(s): esse processo se dá, em uma entrevista “um para um” por exemplo, normalmente entre um sujeito que entrevista (A) e outro sujeito entrevistado (B). No entanto, nosso objeto de estudo indica a presença de um terceiro sujeito (C), o qual podemos denominar de “entidade” ou “espírito”, ou seja: o entrevistador está dialogando com (B), (C) ou com ambos? É nesse ponto que a simples contextualização do gênero como documentário jornalístico ou captação do real merece mais complexidade e aprofundamento.

¹ Para Fernando Andacht (2015), “[o] fato de alguém ficar vermelho (de vergonha), chorar, soluçar ou exibir um tremor, é considerado um índice fisiológico pela audiência, na sua procura de testemunhos genuínos [...]. Tais signos indiciais seriam a garantia decisiva da autenticidade dessa experiência comunicacional, a causa de sua natureza mais fisiológica que cultural/convencional. Essa classe de efeito na audiência dos gêneros factuais constitui o elemento distintivo deles, o que os diferencia da ficção, por exemplo, da novela televisiva.” (p.81).

Cabe-nos estabelecer, dentro desta problemática, três formas de abordagens que são convergentes: 1) o viés comunicacional, onde há o pressuposto de que o médium está servindo como aparelho *mediador* para a comunicação de (e com) um ente espiritual, mas considerando que esta comunicação se concretiza e se desdobra portanto em dois atores no processo (atores B e C conforme parágrafo anterior), o que configura a 2) alteridade, onde o médium cede espaço ao “outro”, ao espírito, remetendo ao aspecto da 3) crença, onde não se tem dúvidas sobre a efetiva incorporação. Florence Dravet (2016) afirma que “[e]sse jogo entre a presença de outro e a mente desviante [médium] só pode ser sanado pela crença. É preciso acreditar com confiança que há outra presença ali; uma alteridade radical: no sistema da Umbanda, um espírito.” (p. 303).

Em relação à abordagem alteridade / crença devemos, dentro do rito acadêmico, relacionar somente os elementos comunicantes entre si no âmbito do objeto escolhido, a saber, entrevistador / entidade / médium e os indiciais que compõem a identidade ritualística, que no caso em questão remete à religião de Umbanda no Brasil: tais indiciais dizem respeito à entidade entrevistada propriamente dita – um Exu² –, personagem que integra não só a Umbanda como outras religiões / cultos *afro* (Candomblé) e com elementos afro-brasileiros, dentre as quais destacamos Jurema / Catimbó, Tambor de Mina, Encantaria, Batuque, Quimbanda etc. (CASTRO, 2019, p. 58; AMARAL; DRAVET, 2019, p. 129; OLIVEIRA, 2019, p. 201), bem como a imagética que caracteriza esta entidade.

O que objetivamos neste artigo é levantar questões – mesmo que inconclusivas – a respeito de representações do real sobre duas circunstâncias: uma em que a entidade incorporada em um médium pode ser considerada como uma representação do real e o médium desincorporado, falando ao entrevistador, também. Ambas as situações acontecem em uma mesma gravação de vídeo, conforme nosso objeto de estudo. O que temos aqui, pois, é o que chamamos de *dupla* representação do real, ou uma representação em *camadas*. Para embasar nossas considerações, utilizamos como aporte teórico alguns estudos da representação do real em documentários feitos por Fernando Andacht, de 2005 a 2017.

A ENTREVISTA EM DIÁLOGO COM OS ESPÍRITOS

O material analisado é um vídeo publicado pelo canal *Jefferson Viscardi*, também intitulado *Diálogo com os Espíritos* (ou simplesmente *DcE*, conforme aparece nas descrições dos vídeos), do canal YouTube. O início das atividades deste canal na plataforma data de 26 de agosto de 2006; o mesmo possui cerca de 3.573.307 visualizações de vídeos e 52.400 inscritos (dados de agosto de 2021).

2 Na Umbanda, Exu é tanto cultuado como Orixá (o que significa uma das forças superiores, semelhantes aos santos católicos) como entidade denominada “guardião” ou “protetor”. Dentro da categoria “protetor”, existem várias denominações de exus, ligados a diversos grupos (denominados “falanges”), cada um com estereótipos próprios. Em nosso objeto de estudo temos Exu Tranca Rua das Almas; outros exemplos são Exu Veludo, Exu Meia Noite, Exu Caveira etc. Para maiores detalhes, ver Janaina Azevedo (2008, p. 45) e Ademir Barbosa Júnior (2014, p. 152).

Na aba “sobre” do canal, encontramos a seguinte descrição (citação *ipsis litteris*, sem correção dos erros ortográficos):

O Diálogo com os Espíritos registra em áudio e vídeo, a manifestação mediúnica e seu conteúdo filosófico, cultural e religioso. Acontece em um momento único na história da humanidade em que cada vez mais as pessoas buscam compreender quem são, o que fazem aqui e para onde vão depois da morte. De acordo com a crença de que a vida continua e que seguimos mais vivos que nunca, a comunicação com nossos antepassados é um fato que se torna cada dia mais palpável. As vozes fraternas do além aconselham em cada vídeo orientando quanto as penas e recompensas futuras estimulando sempre a conduta virtuosa, a sobriedade nas relações e o respeito pelas instituições. Incentivam paz entre os homens de boa vontade, o amor, a humildade e a tolerância em todas as circunstancias. No seu contexto este trabalho ouve sem julgar, sem discriminar e sobretudo sem confrontar verdades ou defende-las convidando cada um a filtrar segundo o que se provar útil e salutar física, psico e emocionalmente. (JEFFERSON..., 2021).

De acordo com a descrição acima, o objetivo do canal é oferecer uma compilação de entrevistas com diversos espíritos, independentemente de qual culto ou religião atuem (mas todas de cunho mediúnico, evidentemente), pressupondo que os espectadores tenham a crença nessas entidades – consideradas nossos antepassados, na visão do produtor – e na vida pós morte. O discurso desses espíritos visa despertar as virtudes dos espectadores para a prática do bem.



Figura 1. O canal Jefferson Viscardi, do YouTube

Fonte: <https://www.youtube.com/user/jefow/featured>

O formato de apresentação dos vídeos é geralmente – mas não exclusivamente – construído da seguinte forma: o entrevistador (no caso, Jefferson Viscardi, que raramente aparece nas gravações) conversa com médiuns incorporados, fazendo-lhes algumas perguntas preparadas previamente, deixando as entidades livres para falarem o tempo que

quiserem. Há poucas interrupções por parte do entrevistador; a liberdade dada às entidades para suas considerações faz com que os vídeos sejam bastante longos, comumente ultrapassando uma hora de duração. Feitas as perguntas, os médiuns desincorporam e eventualmente o entrevistador também conversa com eles.

O vídeo em questão é intitulado – tal qual está na descrição – “DcE 899-2 - [Exu é ESPELHO da PESSOA.] - Exu Tranca Rua das Almas - Médium: Sacerdote Fernando Parada” e data de 30 de dezembro de 2019, com duração de uma hora e sete minutos. A filmagem foi feita com uma única câmera, então vemos o médium somente pelo ângulo frontal durante todo o vídeo. Em processo de edição, o produtor inseriu de maneira prévia um extrato da fala da entidade durante os três minutos iniciais seguido da introdução em forma de “vinheta”. Durante o vídeo, o produtor inseriu citações das falas da entidade como ênfase, visando provocar a reflexão dos espectadores sobre pontos por ele considerados importantes.

Nosso critério para a escolha deste vídeo deu-se unicamente pela quantidade de visualizações (até o momento da redação do artigo, 378.376); sendo o vídeo mais assistido do canal. Na descrição, temos as seguintes informações: “[...] gravado em 04092018 [4 de setembro de 2018]; Espírito: Exu Tranca Rua das Almas; Médium: Sacerdote Fernando Parada; Cortesia Casa Nossa Senhora do Rosário.” (DcE, 2019).

UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DO UNIVERSO MEDIÚNICO

Podemos contextualizar as religiões mediúnicas – grosso modo – dentro de um processo comunicacional em que um elemento denominado “espírito” ou “entidade” se comunica com um elemento humano denominado “médium” em uma prática denominada “incorporação³”, com o auxílio ou não de elementos ritualísticos ou litúrgicos, configurando o que Dravet denomina de “copresença em um só corpo” (2016, p. 295). O ser espiritual, através do médium, pode então manifestar-se aos demais participantes do culto / ritual / liturgia para as mais diversas finalidades: passes (energização espiritual), aconselhamentos etc., utilizando recursos materiais como auxiliares dessas práticas – entre eles, velas, charutos, bebidas alcoólicas, ervas – e vestuário específico que faculta a identificação da entidade espiritual, configurando importantes símbolos de reconhecimento:

O mundo construído pelos ritos e seus mitos se dá, portanto, em termos semióticos, através da apreensão dos objetos por meio das categorias que participam da semiose. Em outras palavras, o sentido não é uma criação de um eu transcendental, mas uma construção, resultado do encontro e da relação de um signo com outro signo, o que se dá continuamente, infinitamente, mesmo sem que nos apercebamos disso. (FERNANDES, 2009, p. 90).

Para uma melhor compreensão de nosso objeto de estudo, esclarecemos que as

3 Dravet diferencia, através de um apanhado histórico, nuances existentes entre a incorporação (termo utilizado no Brasil para definir a relação espírito/médium) e o transe, possessão e êxtase. (2016, *Passim*).

religiões mediúnicas praticadas no Brasil possuem diversas origens e também diferentes práticas. Dessas religiões, destacamos as três⁴ com maior número de praticantes, segundo pesquisa do Instituto Datafolha de 2020⁵: o Espiritismo praticado em nosso país tem matriz europeia e sua doutrina adota os textos publicados pelo francês Allan Kardec no século XIX⁶; o Candomblé tem matriz africana herdada de diversas regiões que se amalgamaram, devido ao processo de escravidão, sofrendo certo sincretismo com a religião católica visando a possibilidade de culto pelos escravos sem a censura dos senhores de engenho; tal sincretismo foi sendo abandonado conforme abertura da liberdade de culto religioso durante o século XX, onde se buscou uma maior identidade com as origens africanas (PRANDI, 2004, p. 223-228). Por fim, a Umbanda é considerada uma religião tipicamente brasileira, formada a partir de matrizes indígenas (aspectos de pajelança e presença das entidades denominadas caboclos), católicas (crença em Jesus Cristo e em alguns santos os quais sincretizam com orixás), candomblecistas (presença dos orixás, principalmente) e espíritas / kardecistas (adoção de algumas práticas voltadas à incorporação) e estabelecida no início do século XX (SOUZA, 1933, p. 42; AZEVEDO, 2008, p. 17; BARBOSA JÚNIOR, 2014, p. 19-20).

No caso específico do Candomblé e da Umbanda, ambas as religiões cultuam, entre outras forças espirituais, os orixás, que são entidades originárias dos cultos africanos, porém com diferenças. No Candomblé, os orixás são considerados divindades e “baixam” aos terreiros através dos médiuns, enquanto que na Umbanda os orixás são considerados forças espirituais de um Deus único (Deus católico sincretizado com o orixá maior Zambi ou Olorum, dependendo da influência candomblecista), não se manifestando mediunicamente e nem “baixando” nos terreiros. Exu é considerado orixá em ambas as religiões (não consensualmente); a peculiaridade da Umbanda está em considerar o orixá Exu como chefe ou comandante de diversas “falanges” de exus, os quais não são orixás, e sim denominados guias ou protetores. É o caso de nosso objeto de estudo, em que Exu Tranca Rua das Almas é caracterizado como um guardião, portanto, uma entidade cultuada pela religião de Umbanda.

4 Não é nossa intenção aprofundar os aspectos históricos e características particulares de cada uma dessas religiões. Algumas considerações, entretanto, são importantes: primeiramente, o Candomblé não é uma religião homogênea. Ele se divide de acordo com as nações / reinos de origem na África, o que influencia nos aspectos litúrgicos e também no panteão de Orixás. Então, temos o Candomblé Ketu, Jêje, Angola etc. No caso da Umbanda, existem várias vertentes que enfatizam com maior ou menor força uma de suas três matrizes. Por exemplo, temos a Umbanda Branca (com maior ênfase no Espiritismo), Omolocô (Candomblé), Sagrada (incluindo graus de iniciação, com elementos esotéricos), entre outras. Outras práticas religiosas mediúnicas brasileiras que merecem menção são Jurema Sagrada ou Catimbó (de influência indígena), Tambor de Mina entre outras com menor número de praticantes do que as citadas no texto.

5 Segundo a pesquisa, o Espiritismo é praticado por 3% da população brasileira, enquanto que Candomblé, Umbanda e outras religiões afro brasileiras são praticadas por 2%. (G1, 2020).

6 De acordo com Stoll (2002), “[...] Allan Kardec ainda escrevia os principais tomos de sua obra, quando o Espiritismo aportou ao Brasil, sendo, portanto, divulgado quase simultaneamente à sua difusão na Europa [...]. A Livraria Garnier, considerada à época a principal casa editorial do Rio de Janeiro, lançou o primeiro título [de Kardec], O livro dos espíritos, em português, em 1875”. (p. 364, 394).

A ENTREVISTA É COM O ESPÍRITO (E COM O MÉDIUM)

É-nos difícil insinuar um rótulo ou mesmo um gênero para este tipo de produção; contentar-nos-emos em enquadrá-la como entrevista de modo participativo e não jornalística, mas também não podemos isentar tal produção de uma abordagem – mesmo que involuntária – documental, visto o conjunto de produções que fazem do canal Diálogo com os Espíritos um peculiar acervo de entrevistas com médiuns incorporados nas mais diversas vertentes de religiões mediúnicas com seus quase 850 vídeos (dados de 2021), abrangendo religiões como Espiritismo, Umbanda, Quimbanda etc. que mantém basicamente o formato de câmera frontal, onde o entrevistador quase nunca aparece, ou seja, o entrevistado é

[...] um “eu” que se coloca como fonte única do discurso [...]. No caso do [...] documentário trata-se não apenas de produzir ou de capturar a experiência do sujeito filmado, mas também de acolhê-la, coisa complicada e ainda mais resistente ao cálculo, sem dúvida, mas também mais suave e sutil, pois que é de sua natureza transbordar ou escapar à representação que dela se acerca (GUIMARÃES, 2011, p. 71).

É no processo de entrevista que, tanto no telejornalismo quanto no documentário real tem o potencial de manifestação:

Seja na elaboração de um minucioso perfil ou na agilidade da confecção de um “povo fala”, é raro o produto audiovisual que não lance mão da entrevista como elemento fundamental para contextualizar e garantir o status de verdade que caracteriza os gêneros telejornalístico e documental. (MUSSE; MUSSE, 2010, p. 1).

Essa característica de deixar transparecer a *verdade* no entrevistado⁷ é possibilitada pela forma como se conduz a entrevista, onde pontos importantes são deixar o entrevistado à vontade para falar e não interferir com recursos de edição, registrando o momento como único e incomparável, resultando em uma composição da espontaneidade, da tonalidade da voz entre outros elementos, marca registrada de muitos documentaristas (MUSSE; MUSSE, 2010, p. 6-7; ANDACHT; OPOLSKI, 2017, p. 131).

Ainda segundo Musse e Musse, a entrevista constrói e resgata uma memória coletiva, quando vários sujeitos falam de suas experiências ou lembranças, e é também uma construção da história do sujeito, através de seus relatos e reflexões sobre sua própria vida (*Ibidem*, p. 6-7). No caso da entrevista com Exu Tranca Rua das Almas, isso ocorre em vários pontos do vídeo, onde a entidade nos relata várias situações do mundo espiritual, bem como suas próprias lembranças de “encarnado” e também a aproximação com o

7 Vale registrar aqui o contraditório no que diz respeito à “autenticidade”, notadamente em autores como Ismail Xavier (2010), em estudo sobre documentários de Eduardo Coutinho, onde o real do depoimento é performático, teatralizado, no que o autor denomina microrrealismo: “há a composição (a geometria do processo) e há o campo de energia, esse da intervenção da câmera pela sua presença e sua interação com o que está diante dela, dissolvendo a ideia de registro ‘objetivo’, passivo, que manteria a separação radical entre olhar e objeto. Há aí um regime de presença (performance, atuação para um olhar definido), um ‘estar em situação’ muito caro à fenomenologia, mas seria ingênuo supor nesse estar-aí, nessa atuação, uma aura absoluta de autenticidade e verdade.” (p. 16).

público por meio de uma linguagem coloquial. Isso pode ser ilustrado em resposta a um questionamento do entrevistador, se Exu Tranca Rua das Almas seria conhecido pelo título de “lorde”: “[s]e eu me intitulo lorde, eu tô me colocando acima de você. Agora se eu sento aqui, ó, do teu lado, tomando uma cachaça [...], eu tô sendo mais teu irmão do que me colocando acima de você. (DcE, 2019, 37min40s).

É a singularidade de Exu Tranca Rua das Almas – e não do médium –, suas idiossincrasias, que despertará no espectador, mediante um contrato de leitura, uma negociação mediada por símbolos que contempla o que Hanno Beth e Harry Pross ilustram como uma “tempestade perfeita” de perceptibilidade e compatibilidade (BETH; PROSS, 1987, p. 158), a crença do que está sendo visto como representação do real, conforme nos esclarecem Lins e Mesquita (2008) ao analisar quatro documentários brasileiros e o tensionamento entre a impressão da realidade passada por eles e a crença na realidade dos mesmos pelo espectador, mediante um “acordo” entre ambas as partes. A imagem

[...] pode mentir, falsificar, simulando dizer a verdade, mas pode também ser associada a outras imagens e outros sons para fabricar experiências inéditas, complexificar nossa apreensão do mundo, abrir nossa percepção para outros modos de ver e saber. As imagens são frágeis, impuras, insuficientes para falar do real, mas é justamente com todas as precariedades, a partir de todas as lacunas, apesar de todos os riscos, que é possível trabalhar com elas [...]; é na articulação das imagens no tempo da projeção que oscilações, incertezas, sensações, reflexões e aprendizados se dão, é na duração que a impressão de realidade e a crença do espectador tão caras à tradição do documentário são colocadas em questão. São documentários que levam o espectador a se perguntar: o que eu vejo nessa tela? Realidade, verdade, simulacro, manipulação, ficção, tudo ao mesmo tempo? (LINS; MESQUITA, 2008, p. 10).

Com base nesta reflexão, verificamos que o contrato (ou acordo) de leitura – independentemente da crença – é elemento fundamental para que a mensagem da entrevista tenha eficácia e seja efetivamente uma representação do real. Em nosso objeto de estudo percorremos alguns dos comentários dos espectadores, e majoritariamente os mesmos foram positivos, ou seja, houve essa crença da veracidade passada no vídeo por Exu Tranca Rua das Almas. Alguns excertos (transcritos *ipsis litteris*):

- Espectador 1: “Bastante lisonjeado de saber q esse Exu é mt companheiro e amigo Laroyê [saudação característica para exus] Sr. Tranca Rua das Almas”
- Espectador 2: “ Tudo é merecimento!” .Muito bom esses conselhos das entidades. Ouvirei mais vezes”
- Espectador 3: “Muito bom esses ensinamentos do seu Exu Tranca rua,graças por esse canal gratidão”

Outros comentários deixaram transparecer não a “quebra” do contrato de leitura, mas sim a desconfiança na incorporação. As reações foram as mais diferentes possíveis, da indignação ao ofensivo, até o lúdico. Conforme impressões abaixo transcritas *ipsis*

litteris:

- Espectador 4: “Charlatão...”
- Espectador 5: “É por essas coisas que a religião é mal vista. Lamentável”
- Espectador 6: “Que vergonha.... Vocês está acabando com a religião essa [impropério] aí nunca foi Tranca Ruas das Almas, gravando live Ainda??? Meu faça-me o favor para que tá feio.”

É natural (e salutar) a falta de consenso entre espectadores em qualquer formato de vídeo, seja qual for a abordagem (política, música, religião etc.). O que nos chama a atenção no objeto estudado é que a dissensão, nos excertos colocados, está na “performance” do médium, que para alguns espectadores não é uma representação do real: eles *creem* em Exu, mas não no apresentado na entrevista, ou seja, não creem que o médium está efetivamente incorporado.

UMA “DUPLA CAMADA” DE REPRESENTAÇÃO DO REAL

Em análise semiótica do documentário “Jogo de Cena”, de Eduardo Coutinho, Fernando Andacht (2012) trata das mediações das narrativas legítimas de mulheres que contam histórias reais e a subsequente interpretação dessas histórias por atrizes. O documentário “... produz uma situação exorbitante tanto para as mulheres comuns, que vieram ao palco com suas histórias, como para as atrizes, que foram solicitadas para reencenar as histórias.” (p. 84). A validade do contrato de leitura, neste caso, refere-se ao fato do espectador saber que as histórias estão sendo recontadas / interpretadas, e que no nosso entender não configura uma dupla camada de representação do real.

No caso de nosso objeto de estudo, com base no sistema de crenças que chancela o contrato de leitura, o espectador não vê na narrativa do médium incorporado uma forma de interpretação; ele vê a *própria* entidade falando, com o auxílio de um conjunto de símbolos que compõe a imagética de Exu Tranca Rua das Almas. A simbologia está presente conferindo um caráter único a Exu, ou seja, componentes imagéticos como a cartola, a capa, a guia vermelha e preta, além da própria feição do médium em estado de transe. Sob o aspecto sonoro, a alteração no modo de falar (no momento em que o médium está em transe, a voz característica de Exu; após o transe, a voz do médium) é também um importante referencial semiótico, conforme nos dizem Andacht e Opolski (2017), referindo-se às falas dos indivíduos presentes em “O fim e o princípio”, de Eduardo Coutinho:

[A] sonoridade da fala é uma forma de comunicação e de expressividade extraordinária, no sentido literal da palavra, porque as pessoas [...] se comunicam através de aspectos sonoros de pertencimento, que, por sua vez, geram performances vocais singulares e, portanto, interessantes, dignas de serem contempladas [como uma performance] vocal expressivamente cênica [...]. A sonoridade provocada por cada uma das interações compreende determinadas interjeições, sotaques e dialetos que são signos icônico-

indiciais [...]. (ANDACHT; OPOLSKI, 2017, p. 139-140).



Figura 2. Exu Tranca Rua das Almas incorporado no médium Fernando Parada.

Fonte: YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BbmqPNLlwtQ&list=PLJrLGdkeT6Lf0i4qOmpR-JrrzCgNZ5jdQ&index=12>

Dravet vai além do indicial vocal, atribuindo a todo o conjunto visual, gestual e sonoro uma “fala de incorporação”, que possibilita a identificação das entidades espirituais, compondo o imaginário das mesmas:

Existe, de fato, aquilo que chamamos de “fala de incorporação” que vem ratificar o sistema. Pode ser um discurso oral ou gestual. Fumar cachimbo, por exemplo, faz parte do código dos Pretos-Velhos. Os caboclos fumam charuto, os Exus e as Pombagiras, cigarros. Os Pretos-Velhos têm uma fala branda, enquanto os caboclos têm uma fala direta e ríspida. Os Exus, uma fala debochada, e assim por diante. Esses são códigos [...] essas representações e esses códigos correspondem a imaginários coletivos em torno das entidades. (DRAVET, 2016, p. 302).

O próximo *frame* mostra o médium desincorporado, e sem alguns dos utensílios utilizados anteriormente:

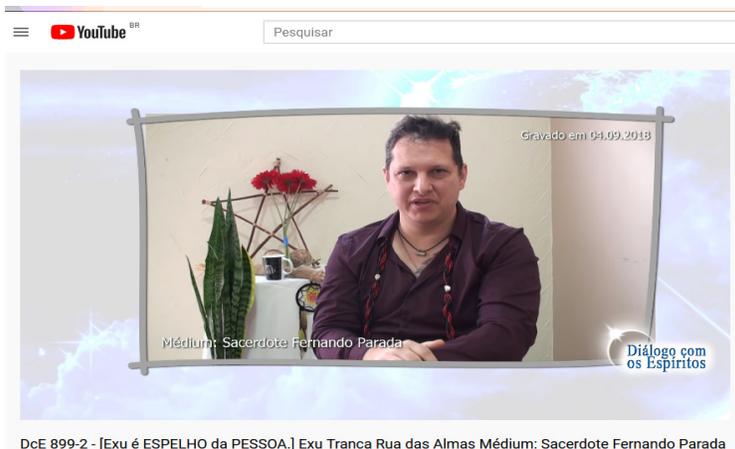


Figura 3 – O médium desincorporado

Fonte: YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BbmqPNLlwtQ&list=PLjrLGdkeT6Lfoi4qOmpR-JrrzCgNZ5jdQ&index=12>

Constatamos então que a presença corporal do médium pode ser considerada simultaneamente como mídia primária e secundária. A mídia primária é o próprio corpo e sua gestualidade, incluindo os sons vocais (PROSS, 1971, p. 127 *apud* BAITELLO JÚNIOR, 2001, p. 1); a mídia secundária, além da escrita por exemplo, é composta de complementos ao corpo: “[...] constituiriam mídia secundária as máscaras, pinturas e adereços corporais, roupas [...], os bastões [...] e] aparatos, objetos ou suportes materiais que transportam sua mensagem.” (BAITELLO JÚNIOR, 2001, p. 2-3).

Na primeira parte do vídeo, portanto, temos frente à câmera a entidade Exu Tranca Rua das Almas sendo entrevistada por Jefferson Viscardi, em um horizonte temporal de pouco mais de uma hora, onde são feitas mais de 30 perguntas. Em um segundo momento, temos o médium desincorporado, também sendo entrevistado. Na primeira camada de “representação” percebemos o corpo como mídia primária e secundária pelas composições gestuais, visuais – vestuário e complementos, como bengala – e sonoras. Na segunda camada, a partir dos três minutos finais do vídeo, o médium se despe de parte do aparato sógnico (retira a cartola e a capa), mudando a expressão facial e a tonalidade vocal, evocando ao corpo como uma mídia primária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de não conseguirmos ter uma conclusão a respeito da impressão que o vídeo passa ao espectador, pois a identificação como verdade não é consensual (apesar de majoritariamente o público afirmar que sim), o que é inegável em nosso objeto de estudo é, sob o aspecto imagético e também icônico / indicial, a grande quantidade de símbolos que

conferem ao médium incorporado o deslocamento, a alteridade, que dá lugar a Exu Tranca Rua das Almas. É o que nos diz Fernandes (2019), associando as categorias peirceanas (de Charles Peirce) ao panteão dos orixás:

Os conceitos semióticos, com suas categorias, apresentam como interpretamos, como pensamos as coisas, de que modo os fenômenos são apreendidos pelos sujeitos. O conhecer, o apreender, o representar o mundo – dos rituais –, ocorre, portanto, nessa interação que parte da assimilação dos objetos, da sua categorização, e de sua sequente representação, transformando-os em signos novamente. Esse processo não é outro senão a semiose. (p. 90-91).

Em resumo, a representação do real, nas duas camadas de nosso objeto de estudo, está condicionada tanto a um contrato de leitura firmado com o espectador – no caso em questão, quem recebe a mensagem deve conhecer em maior ou menor grau alguns fundamentos das religiões de matriz africana, saber quem é Exu – quanto à crença; deve-se crer que o médium está incorporado, crer nas entidades espirituais, no mundo invisível. Sem o cabedal que possibilite a correta leitura do que está ocorrendo e sem acreditar que realmente há o fenômeno espiritual na duração, as representações do real acabam por se tornar ineficazes (sem contrato de leitura e sem a crença) ou parcialmente válidas (quando ao menos o contrato de leitura é estabelecido).

Sugerimos como estudos futuros ampliar essa perspectiva e validar – ou não – a hipótese de que essa representação do real seja posta (ou justaposta) duplamente ou em camadas, interferindo ou não na contextualização semiótica / imagética. Estudos do audiovisual relacionados às questões de alteridade podem ser esclarecedores para essa nova vertente, também.

REFERÊNCIAS

50% dos brasileiros são católicos, 31%, evangélicos e 10% não têm religião, diz Datafolha. *G1*, [Rio de Janeiro], 13 jan. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghtml>. Acesso em: 10 ago. 2021.

AMARAL, L. S.; DRAVET, M. Antropofagia e estética corporal na cultura brasileira: dos cultos às performances. In: CAMARGO, H. W. (Org.). *Umbanda, cultura e comunicação: olhares e encruzilhadas*. Curitiba: Syntagma Editores, 2019.

ANDACHT, F. Jogo de Cena ou a cena da mediação semiótica observada em um palco filmado. *Libero*, São Paulo, v. 15, n. 30, p. 69-86, dez. de 2012. Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/267>. Acesso em: 02 fev. 2022.

ANDACHT, F.; OPOLSKI, D. R. A fala no documentário O fim e o princípio (2005) de Eduardo Coutinho. *Doc On-line*, n. 22, setembro de 2017. DOI: 10.20287/doc.d22.dt08.

AZEVEDO, J. *Tudo o que você precisa saber sobre Umbanda*. São Paulo: Universo dos Livros, 2008.

BAITELLO JÚNIOR, N. O tempo lento e o espaço nulo: mídia primária, secundária e terciária. In: NETO, A. F. [et al.]. (Orgs.). *Interação e sentidos no ciberespaço e na sociedade*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BARBOSA JÚNIOR, A. *O livro essencial de Umbanda*. São Paulo: Universo dos Livros, 2014.

BETH, H.; PROSS, H. *Introducción a la ciencia de la comunicación*. Barcelona: Anthropos, 1987.

CASTRO, G. Imaginário, Umbanda e comunicação. In: CAMARGO, H. W. (Org.). *Umbanda, cultura e comunicação: olhares e encruzilhadas*. Curitiba: Syntagma Editores, 2019.

DRAVET, F. O imaginário ou a comunicação entre corpo e linguagem: problematização do fenômeno da incorporação no Brasil. *Conexão – Comunicação e Cultura*, Caxias do Sul, v. 15, n. 30, jan./dez. 2016, p. 287-306.

DIÁLOGO com os espíritos. DcE 899-2 - [Exu é ESPELHO da PESSOA.] Exu Tranca Rua das Almas Médiun: Sacerdote Fernando Parada. [S.l.: s.n], 2019. 1 vídeo (1h07min17s). Publicado pelo canal Jefferson Viscardi. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BbmqPNLlwtQ&list=PLjrLGdkeT6Lf0i4qOmpR-JrrzCgNZ5jdQ&index=12>. Acesso em: 02 jan. 2021.

FERNANDES, A. de O. Categorias peirceanas e o mundo signico dos deuses iorubás: por uma semiose dos orixás. *Revista Espaço Acadêmico*, n. 100, set. 2009.

GUIMARÃES, C. G. A cena e a inscrição do real. *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 21, p. 68-79, jun. 2011.

LINS, C.; MESQUITA, C. Crer, não crer, crer apesar de tudo: a questão da crença nas imagens na recente produção documental brasileira. Encontro Anual da Compós—GT Fotografia, Cinema e Vídeo, 17, 2008. *Anais*. São Paulo: Unip, 2008.

MUSSE, C. F.; MUSSE, M. F. A entrevista no telejornalismo e no documentário: possibilidades e limitações. *RuMoRes*, [S. l.], v. 4, n. 8, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/51209>. Acesso em: 11 fev. 2021.

OLIVEIRA, B. C. Quando a Pombagira fala – um olhar etnográfico sobre os trabalhos de Umbanda comandados por Pombagiras. In: CAMARGO, H. W. (Org.). *Umbanda, cultura e comunicação: olhares e encruzilhadas*. Curitiba: Syntagma Editores, 2019.

PRANDI, R. O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso. *Estudos avançados*, v. 18, p. 223-238, 2004. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10033>. Acesso em: 31 ago. 2021.

SOUZA, L. de. *O espiritismo, a magia e as sete linhas de Umbanda*. Rio de Janeiro: [s. n.], 1933.

STOLL, S. J. Religião, ciência ou auto-ajuda? Trajetos do Espiritismo no Brasil. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, 2002, v. 45, n. 2, p. 361-402. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-77012002000200003>. Acesso em: 31 ago. 2021.

XAVIER, I. O exemplar e o contingente no teatro das evidências. *Literatura e Sociedade*, [S. l.], v. 15, n. 14, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/l/article/view/64209>. Acesso em: 12 fev. 2021.

MARCELO MÁXIMO PURIFICAÇÃO – Pós-Doutor pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra - FPCE-UC Portugal (Área de concentração: Educação Superior e Políticas Educacionais), Professor Investigador - 2014-2016 -, supervisionado pela Dra. Teresa Pessoa; Pós-Doutor - pelo Instituto Politécnico da Escola Superior de Educação de Coimbra - IP-ESEC-Portugal (Área de concentração: Formação de Professores, Identidade e Gênero) Professor Investigador - 2017- 2021 -, supervisionado pela Dra. Filomena Teixeira. Doutor em Ensino (Educação Matemática e Tecnologia) -, (Área de concentração: Alfabetização Científica e Tecnológica) pela Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES, 2018-2022), Doutor em Ciências da Religião (Área de concentração: Religião, Cultura e Sociedade, na linha: Religião e Movimentos Sociais) pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás - (PUC-Goiás, 2010 - 2014) e doutorando em Educação (Área de concentração: Estudos Culturais, na linha: Currículo, ciências e tecnologias) pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA, 2020-). Mestre em Teologia: Educação Comunitária, Infância e Juventude (EST/UFRGS, 2008) e Mestre em Ciências da Educação (UEP, 2009). Possui formação multidisciplinar com graduação em: Ciências Sociais (Faculdade Única), Filosofia (FBB), Matemática (UEG) e Pedagogia (ICSH). Especialista em - Gestão de Sala de Aula no Ensino Superior (UNIFIMES), Docência do Ensino Superior (UCAM) e em Matemática (ICSH). Atualmente é Professor Titular C-II da Fundação Municipal Integrada de Ensino Superior (FIMES/UNIFIMES, 2014-) onde atua em atividades de ensino, pesquisa e extensão nos cursos de graduação e pós-graduação, vinculado a Unidade Básica das Humanidades e Professor (P-IV Padrão E) da Secretaria de Educação do Estado de Goiás (SEDUC, 1999 -) atuando no componente curricular de Matemática. Atua também como docente permanente nos seguintes programas Stricto Sensu: Programa de Pós-Graduação em Educação da Fundação Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS/Paranaíba), na Linha 1, formação docente e diversidade (cooperação técnica), Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Inhumas (PPGEDU-FACMAIS), Linha 1 Educação, Instituições e Políticas Educacionais (EIPE) e, do Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social (MPIES) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) (Colaboração Técnica), na linha 2 Novas Formas de subjetivação e organização comunitária. Orientou: 1 tese de doutorado, 15 dissertações de mestrado, 20 trabalhos de conclusão de curso de especialização, 113 trabalhos de conclusão de curso de graduação e 9 trabalhos de iniciação científica. Atualmente orienta: 8 dissertações de mestrado, 1 trabalho de conclusão de curso, 1 projeto de iniciação científica e supervisiona 1 projeto de pós-doutorado. Coordena o Grupo de Pesquisa (NEPEM); Colíder do Grupo de Pesquisa em Educação, Tecnologias Sociais e Desenvolvimento no Interior do Amazonas (IFAM). Associado à ANPED/Nacional. Associado à APEDUC - Associação Portuguesa para o Ensino das Ciências. Membro da Comissão

Editorial da Revista Científica da Educação da FACMAIS (2020 -); Membro do comitê científico da Editora Atena (2019 -) e da editora Publishing (2020-) ; Editor-chefe da revista científica Novas Configurações Diálogos Plural (2020-). Avaliador do Guia da Faculdade (2020-). Tem experiência na área da Educação atuando no eixo da Diversidade. Atualmente interessa-me pesquisa em dois blocos temáticos: I PROCESSOS EDUCATIVOS: Formação de Professores, Políticas Educacionais, Currículo, Desenvolvimento Profissional, Ensino e Tecnologia; II DIVERSIDADE: Estudos Culturais, Identidade, Representação, Gênero, Violência, Negritude, juventude, Religiosidade e Cultura. (Países em que esteve presente para atividades acadêmicas e técnicas e/ou manteve vínculos em trabalhos científicos: (Argentina, Alemanha, Colômbia, Cuba, Espanha, Itália, Panamá, Paraguai, Portugal, México, Moçambique e Uruguai).

ANA PAULA MENDES DA SILVA – Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação da FacMais, Inhumas/GO. Especialista pelo programa de Pós-graduação em Educação Matemática pela UFG, Goiânia/GO. Graduada em Licenciatura em Matemática pela Universidade Federal de Goiás, em Goiânia. Professora do Ensino Fundamental e Médio na rede pública e privada de Goiânia.

EBERSON LUÍS MOTA TEIXEIRA. Mestrando do Programa de Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social (MPIES) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Pós-Graduado em Gestão e Políticas Públicas para a Educação Básica -UNEB- (2014). Pós-Graduado em Filosofia Contemporânea - Faculdade São Bento da Bahia - (2007). Profº. EBTT - Instituto Federal Baiano (Campus Bom Jesus da Lapa -Ba). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9660-6407>.

A

Amazônia 2, 3, 9

Apocalipse 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24

Ayahuasca 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9

C

Comunicação 1, 2, 61, 63, 64, 69, 72, 73

D

Daime 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10

Deus 2, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 27, 28, 29, 43, 45, 49, 51, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 66

E

Educação católica 31, 32, 33, 36, 37, 46

Ensino religioso 31, 34, 35, 36, 37

Ética 11, 12, 19, 20, 21, 22

Êxodo 17, 20, 22, 25, 28, 29, 30

H

História 4, 8, 9, 14, 22, 28, 37, 38, 41, 49, 51, 52, 56, 58, 64, 67

Homossexualidade 25

I

Imigrantes italianos 38, 40, 41, 46, 48, 49

Intolerância 1, 2, 5, 6, 7, 8, 9

J

Jesus 4, 11, 12, 13, 14, 17, 18, 19, 21, 22, 30, 33, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 66, 75

Judaísmo formativo 51, 52, 53, 59

L

Levítico 25, 26, 27, 29, 30

M

Morte 1, 2, 8, 13, 14, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 46, 52, 55, 64

P

Perseverança 11, 12, 17, 18, 19, 20, 22

Pós-exílio 25, 26, 27, 28, 29, 30

R

Reforma católica 31

Religiosidade 38, 39, 40, 41, 44, 46, 48, 49, 54, 75

Representações do real 61, 63, 72

Romanização 31, 37, 49

Ruptura 51, 52, 54

U

Ultramontana 31

Umbanda 10, 61, 62, 63, 66, 67, 72, 73

TEOLOGIA, EXPERIÊNCIA RELIGIOSA E PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

TEOLOGIA, EXPERIÊNCIA RELIGIOSA E PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 